



GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzabieta M.
Comunicação e pragmática na exegese bíblica. Tradução de
Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020. (Cultura Bíblica).
ISBN 978-85-356-4582-8.

Francisco Leite*

É característico dos manuais de exegese bíblica que formaram e ainda formam a maioria dos estudantes de Teologia no Brasil, tanto católicos quanto protestantes, a utilização de termos e conceitos da língua alemã, como, por exemplo, *Gattung* e *Sitz im Leben*, e outros da língua grega, tais como: perícopes [greg. *περικοπή*] e apótegras [greg. *ἀπόφθεγμα*].

Por um lado, não há absolutamente nenhum problema na utilização dessas palavras que se tornaram tradicionais no vocabulário da exegese bíblica, pois a mesma coisa acontece nas diferentes ciências humanas, uma vez que cada domínio do saber tem seus próprios conceitos; por outro lado, a utilização desses termos sem o diálogo com equivalentes cunhados e utilizados nas outras áreas do conhecimento humanístico, sobretudo nas relacionadas com as ciências da linguagem, indica que a ‘nossa exegese bíblica’ ainda é muito endógena.

O sentido de “endógeno” utilizado aqui é emprestado da Biologia, ciência na qual o termo é utilizado para se referir ao elemento que tem origem no interior de um organismo ou sistema. A exegese tradicional produz algo que pode ser metaforicamente caracterizado por esse adjetivo, uma vez que seus conceitos são produzidos no interior de uma área do saber chamada Teologia e sua aplicabilidade fica restrita ao seu próprio domínio, apesar de notoriamente

Resenha recebida em 18 de agosto de 2020 e aprovada em 10 de abril de 2021.

* Doutor em Letras pela USP. Professor de Teologia na Faculdade Messiânica. País de origem: Brasil. E-mail: ethnosfran@hotmail.com

existir um campo muito mais amplo de estudos da linguagem que poderia emprestar seus conceitos e procedimentos de análise.

Se por um lado, acabamos de afirmar que é natural que as diferentes ciências criem conceitos determinados para tratamento de seus objetos e procedimentos específicos, então qual é o problema a ser apontado no vocabulário da exegese bíblica e porque estamos dizendo que essa disciplina aqui no Brasil ainda é endógena?

Respondemos essa pergunta argumentando que no caso específico da exegese bíblica, seu objeto, o texto, é também o objeto de outras ciências da linguagem, e o procedimento exegético tem precedentes na Filologia Clássica e possui revisões atualizadas em novas disciplinas da Linguística, como a as Teorias do Texto, Análise do Discurso e a Pragmática.

Quando se estuda a história da exegese bíblica, nota-se que mesmo que se reconheça que sua herança vem do Humanismo do século XVIII (SCHNELLE, 2004), seu desenvolvimento se deu intramuros porque seu objeto é a “Palavra de Deus”, como reiteradamente afirmam os exegetas.

Se é plausível do ponto de vista teológico que o texto bíblico seja considerado como “Palavra Inspirada” (SCHOEKEL, 1992) e por isso receba tratamento especial nos quesitos específicos da hermenêutica, da análise teológica e eventualmente em outros pontos particularmente relacionados com a natureza de um texto reconhecido como sagrado; no entanto, não parece razoável que os procedimentos propriamente analíticos que são realizados também na Filologia e na Linguística, sobretudo os que foram desenvolvidos nas últimas décadas, não sejam incorporados na exegese bíblica.

Sem incorporar os avanços recentes das ciências da linguagem, os exegetas agem como se estivesse dizendo que são bem-vindas para o estudo do texto bíblico apenas as ciências humanas desenvolvidas até o começo do século XX e tudo o que vem depois – diga-se de passagem, as revoluções nas ciências da linguagem não foram pequenas – não carecem de ser incorporadas à

metodologia da exegese bíblica, porque de um determinado momento em diante a exegese se tornou autônoma.

Diga se de passagem, esse momento acontece após as duas Grandes Guerras, quando surge a Teologia Dialética de Karl Barth, a qual se afirma que a Palavra de Deus que não é a Bíblia, mas se manifesta por meio dela, vem do Totalmente Outro e penetra a realidade humana por meio da proclamação. Essa concepção da Revelação acaba influenciando os exegetas, ainda que de modo indireto, e por isso torna-se aceita a ideia que é necessário ferramentas próprias para se acessar os textos bíblicos.

Com esses argumentos, estamos tentando indicar que os procedimentos analíticos da exegese bíblica que foram herdados da Filologia Clássica do século XVIII e do liberalismo alemão dos séculos XIX e XX devem ser atualizados pelos novos subsídios das ciências da linguagem. A obra de 271 páginas intitulada *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*, de Massimo Grilli, Maurizio Guidi e Elzabieta M. Obara, traduzida por Paulo F. Valério e publicado pela editora Paulinas no primeiro semestre de 2020 é uma boa ferramenta teórica que auxiliará os exegetas a se atualizarem nessa questão.

Sejamos justos, este livro não é o primeiro em língua portuguesa que se insere nesse empenho de oferecer ao exegeta brasileiro uma proposta de exegese bíblica humanística, há vários livros que já o fizeram antes. Cito, apenas para exemplificar, três deles: *Metodologia do Novo Testamento* de Wilhelm Egger (2005), *Metodologia do Antigo Testamento* organizado por Horácio Simian-Yofre, Innocenzo Gargano, Jean Louis Ska e Stephen Pisano (2011) e *Manual de Exegese* de Julio Zabatiero (2007).

Se o leitor comparar esses manuais de exegese que foram mencionados com *Exegese do Novo Testamento*, de Uwe Wagner (2012), e *Metodologia de exegese bíblica*, de Cassio Murilo Dias da Silva (2000), verificará que os manuais mencionados em segundo lugar não trazem sequer uma citação de linguista ou crítico literário. É como se a exegese fosse autossuficiente e autônoma. Enquanto isso, os outros manuais empenharam-se por incorporar em suas propostas de metodologia exegética os conhecimentos da Semitótica,

da Linguística, da Narratologia, da Pragmática e de outros saberes das ciências da linguagem, por isso são citados autores como Roland Barthes, Umberto Eco, John Searle, Algirdas Greimas e outros.

No caso específico de *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica* (2020), destaca-se o modo como as teorias da Comunicação e da Pragmática são parte constituinte da metodologia exegética proposta pelos autores e não um acessório. Esse procedimento é atribuído pelos próprios autores como devido à “descoberta da dimensão comunicativa da Palavra de Deus” (GRILLI; GUIDI; OBARA, 2020, p. 21), o que logo de cara nos indica que mesmo utilizando uma concepção ‘secular’ – por assim dizer – para abordar o texto bíblico, os autores não abrem mão da concepção teológica da inspiração das Escrituras, como parece ser o requisito de qualquer análise que se pretende teológica.

A obra é dividida em duas partes e cada uma das partes tem três capítulos, dos quais cada um foi redigido por um dos três autores do livro. A primeira parte é teórica. Seu primeiro capítulo foi escrito por Grilli, ali o estudioso nos apresenta os complexos avanços ocorridos nas teorias da Comunicação nas últimas décadas e a importância da pragmática como perspectiva para estudo do assim chamado “evento comunicativo”, por meio do qual pretende abordar o texto bíblico. Na sequência, o segundo capítulo, da autoria de Guidi, discute a importância do contexto comunicativo na abordagem do texto, na verdade, explica a relação “texto-contexto como alicerce de toda comunicação” (GRILLI; GUIDI; OBARA, 2020, p. 71). Por fim, o terceiro capítulo, escrito por Obara, explica, dentro da mesma perspectiva, a pragmática, o processo inverso que acontece na comunicação, isto é, a influência do texto em seu contexto comunicativo, daí o destaque que a estudiosa dá na explicação dos atos de fala.

Três filósofos são fundamentais para a apresentação da teoria que está ao longo da primeira parte do livro, os quais são: John Searle, John L. Austin e Paul H. Grice. No entanto, a lista de teóricos conhecidos pelos estudiosos das ciências da linguagem é grande, contém os nomes de Bachtin [Bakhtin], Barthes, Bloom, Buber, Eco, Genette, Greimas, Jakobson, Kristeva, Sartre, Van Dijk e Wittgenstein. O que atesta o diálogo com uma amplidão de teorias.

A segunda parte do livro é prática. Há três leituras de textos bíblicos feitas cada uma por um dos autores utilizando a perspectiva pragmática, conforme descreveram na parte anterior, a saber: a leitura de Isaías 58,1-14 é feita por Elzabieta M. Obara, a de Mateus 5.1-12 por Massimo Grilli e a de Mateus 9,9-13 por Maurizio Guidi. Essas leituras são ricas interpretações que combinam os procedimentos propostos com a exegese que os exegetas já estão acostumados.

Reitero que o aspecto teológico que concebe o texto bíblico como divinamente inspirado permanece nessa abordagem, mesmo sem ser fundamentalista ou propriamente dogmático. Como os autores são católicos romanos, há também discussões sobre documentos do Magistério da Igreja Católica sobre o assunto, todavia são discussões breves que não afastarão o interesse dos leitores não católicos que estejam interessados exclusivamente no aprendizado metodológico.

Por todos esses motivos recomendamos vivamente a leitura do livro *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica* e temos boas expectativas que sua incorporação nas escolas superiores de Teologia produzam no ambiente teológico acadêmico de nosso país uma exegese mais humanística, preocupada em dialogar com as outras ciências da linguagem, a qual recebe suas influências e também influencia no avanço de descobertas de áreas de pesquisa que podem ser consideradas de domínio comum.

REFERÊNCIAS

EGGER, Wilhem. **Metodologia do Novo Testamento**: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. 2. ed. Tradução de Johan Konings e Inês Borges. Bíblica Loyola; 12. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SCHNELLE, Udo. **Introdução à exegese do Novo Testamento**. 5. ed. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Bíblica, 43).

SCHOEKEL, Luis Alons. **Palavra inspirada**: a Bíblia à luz da ciência da linguagem. São Paulo: Edições Loyola, 1992. (Bíblica, 13).

SILVA, Cássio Murilo Dias da Silva. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SIMIAN-YOFRE, Horácio; GARGANO, Innocenzo; SKA, Jean Louis; PISANO, Stephen (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. 2. ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2011. (Bíblica, 28).

WAGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

ZABATIERO, Julio P. **Manual de exegese**. São Paulo: Hagnos, 2007.